

**CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA PARA AS ABORDAGENS:
PSICOCINÉTICA, PSICOMOTORA E DESENVOLVIMENTISTA DA EDUCAÇÃO
FÍSICA**

**CONTRIBUTIONS OF PHENOMENOLOGY TO THE PSYCHOKINETIC,
PSYCHOMOTOR AND DEVELOPMENTAL APPROACHES TO PHYSICAL
EDUCATION**

**CONTRIBUCIONES DE LA FENOMENOLOGÍA A LOS ENFOQUES
PSICOCINÉTICOS, PSICOMOTORES Y DE DESARROLLO DE LA EDUCACIÓN
FÍSICA**

 <https://doi.org/10.56238/arev7n8-305>

Data de submissão: 29/07/2025

Data de publicação: 29/08/2025

Luiz Augusto Normanha Lima

Professor Doutor

Instituição: Universidade Estadual Paulista (UNESP)

E-mail: luiz.normanha@unesp.br

RESUMO

Trata-se de apresentar os fragmentos do texto produzido para a disciplina Metodologias da Educação Física oferecido pelo instituto de biociências da UNESP. Campus de Rio Claro Departamento de Pedagogia. E que tem como meta comparar as teorias psicológicas: desenvolvimentista – construtivista, psicogenética e comportamentalista que sustentam as abordagens, psicocinética, psicomotora e desenvolvimentista da Educação Física com a filosofia de Merleau-Ponty, especificamente em sua obra Fenomenologia da Percepção.

Palavras-chave: Fenomenologia. Apreender. Movimentos.

ABSTRACT

This paper presents excerpts from the text produced for the Physical Education Methodologies course offered by the Institute of Biosciences at UNESP, Rio Claro Campus, Department of Pedagogy. The aim is to compare the psychological theories: developmental-constructivist, psychogenetic, and behaviorist, which underpin the psychokinetic, psychomotor, and developmental approaches to Physical Education, with the philosophy of Merleau-Ponty, specifically in his work "Phenomenology of Perception."

Keywords: Phenomenology. Learning. Movements.

RESUMEN

Este artículo presenta extractos del texto elaborado para el curso de Metodologías de la Educación Física, impartido por el Instituto de Biociencias de la UNESP, Campus Rio Claro, Departamento de Pedagogía. El objetivo es comparar las teorías psicológicas (constructivista evolutiva, psicogenética y conductista), que sustentan los enfoques psicocinético, psicomotor y evolutivo de la Educación Física, con la filosofía de Merleau-Ponty, específicamente en su obra "Fenomenología de la Percepción".

Palabras clave: Fenomenología. Aprendizaje. Movimientos.

1 INTRODUÇÃO

Inicialmente externo minha satisfação em realizar essa revisão das abordagens de aprendizagem da Educação Física. Sei da responsabilidade e da dimensão que é fazer essa leitura das abordagens da Educação Física aqui tratadas frente a filosofia da fenomenologia da percepção. Esta idéia surgiu como necessidade de retomar meus trabalhos na universidade. Após dois anos de licença prêmio. Resolvi não me aposentar e fui designado para assumir a disciplina de Metodologias da Educação Física para o curso de Pedagogia. Esta possibilidade de tratar esta revisão teórica e filosófica, é fruto da trajetória de estudos sobre fenomenologia com o Professor Joel Martins, que não pude apresentar antes por estar envolvido com outros assuntos, Capoeira, Direito Animal. Acredito que este é o momento para poder oferecer minha contribuição para a Educação Física. Neste artigo, ainda que de uma forma rápida e sintética. É, também, importante salientar que nossa tradição de ensinar movimentos sempre foi direcionada por teorias e abordagens limitantes à compreensão de o que é o apreender um movimento. Tal tradição de elevar a Educação Física a um corpo de conhecimento científico, coloca um retardamento para que nós, somado a inexistência de uma prática filosófica, permaneçamos tanto tempo sem aprofundar este fundamento e princípio essencial da Educação Física, o apreender um movimento, revelando que essa dimensão desta compreensão ficou e está desde sua epistemologia fadada a renegar o pensar filosófico e mostra o porquê resistimos tanto, ou por dificuldade de acesso ou por não querer abandonar as filosofias existentes, buscar o que nos revela Merleau-Ponty sobre a percepção.

2 SOBRE AS ABORDAGENS DE APRENDIZAGEM: PSICOCINÉTICA, MOTORA E DESENVOLVIMENTISTAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA

A abordagem Psicocinética na Educação Física, Le Bouch (1987) tem sua tradição garantida na Educação Física. No Brasil tornou-se mais uma prática de Educação Física nas escolas, pois é essencialmente aprendizagem de movimentos básicos do ser humano, andar, corre, saltar, arremessar, agarrar, habilidades com bola. Contudo, parece ter caído no esquecimento, ficando como uma herança que a Educação Física conserva em sua atividade de educar pelo movimento. Sua produção científica foi superada pela abordagem psicomotora. A grande contribuição de Le Bouch é dar um status racional a Educação Física, elevando-a ao mesmo patamar de importância das matérias de: Português (leitura e escrita), matemática, assim descobre o psicólogo e educador físico que o movimento pode interferir em aprendizados racionais. Todavia quanto ao movimento em si pouco acrescentou. A pergunta: Como a criança já sabe se movimentar, antes de qualquer aprendizado? Ou, como a criança consegue falar antes mesmo de ir à escola, aprender as letras e as palavras, fica um hiato que as Psicologias

debruçadas na Educação Física não conseguiram compreender, falharam na descrição da subjetividade deste aprender.

A abordagem psicomotora de tradição norte americana, desempenhou grande influência em todos os professores de Educação Física, sobretudo no campo da ciência e da produção acadêmica. Sem dúvida foi e é, ainda hoje, um expoente em produção de pesquisas nesta abordagem, seguindo-se o modelo das psicologias comportamentalistas, desenvolvimentistas, psicogenéticas. Instituiu-se no Brasil e no mundo o modelo norte americano de aprendizagem motora dos movimentos.

Embora seja possível colocar diferenças nas abordagens Psicocinética e Psicomotora, tais como a proposta e a atuação mesmo das duas abordagens. A Psicocinética, que é uma adaptação da psicologia de Piaget, ligada mais a educação, preocupada com uma educação pelo movimento, em que o movimento passa a ser base para o aprendizado de outros conhecimentos, se diferencia radicalmente da abordagem Psicomotora, Schmidt (1993), que leva ao extremo a aprendizagem do movimento como performance motora, melhor forma de executar, mais eficiência no movimento, a técnica do movimento, na qual é instituída definições e conceitos sobre o que são os movimentos, as habilidades e preocupada em chegar à técnica, a melhor forma de execução do movimento, a forma mais eficiente de se executar o movimento. Cabe aqui, afirmar, que as abordagens Psicocinética, Psicomotora e Desenvolvimentistas, têm suas bases teóricas no comportamentalismo e na psicologia psicogenética de Jean Piaget.

Le Bouch (1987), se detém na formação da imagem corporal como um desenvolvimento que vai do nascimento aos 6 anos. Essa hipótese teórica é que essa imagem corporal é então desenvolvida pela função psicomotora uma associação entre o psíquico traduzido como o cognitivo e o movimento, tornando-se então, um princípio generalizado.

O que Le Bouch op.cit., neste ciclo preparatório propõe é uma forma de Educação Física, assim denominada, educação pelo movimento. Contudo sua proposta prática, é uma educação do movimento, e que a partir deste componente a criança poderia superar suas dificuldades de leitura, escrita e matemática, ou seja, o que é proposto numa Educação Física Psicocinética é uma educação do movimento, no qual a criança tem um processo de desenvolvimento motor dos 6 aos 12 anos de idade partindo da noção teórica de imagem do corpo, do corpo imaginário a imagem do corpo operatório. Descreve o desenvolvimento da mesma forma como a psicologia intelectualista associativa de Piaget, na qual há estágios de desenvolvimento o primeiro estágio psicomotor sensório-motor até os 7 anos de idade está numa mesma situação pré-operatória, para Piaget onde o pensamento operatório formal ainda não está definido. Para Le Bouch a imagem corporal ainda não se formou

assim a criança não detém a habilidade de seus movimentos. É preciso salientar aqui que Le Bouch reconhece que a posição dele é somente teórica.

Le Bouch op. cit.

Lembramos com tudo que imagem corporal não é uma função, mas um conceito útil no plano teórico, na medida em que serve de guia para compreender melhor o desenvolvimento motor através das diversas etapas. (p.15)

Esse é principal problema das psicologias associacionistas intelectualista, sempre são conceitos, ideias. Pensemos, então, o termo imagem corporal e busquemos por percepção do próprio corpo, ou o corpo-próprio ou ainda, o corpo vivido, expressão da fenomenologia, mas que também foi usado por Le Bouch op. Cit.,

Na verdade, não se pode falar de imagem do corpo enquanto o EGO não está unificado, individualizado, e enquanto não for adquirido o senso da realidade, isto é, no final da etapa do corpo vivido. (p.16)

Contudo, encontro a expressão corpo vivido, em Le Bouch com significado divergente da fenomenologia de Merleau-Ponty. Le Bouch, usa inadvertidamente a expressão corpo-vivido, como uma fase do desenvolvimento humano, fazendo-a de gênese de toda a mobilidade humana, pois trata-se da formação da imagem corporal da fase de aprendizagem motora pré-operatória para a operatória. No entanto, o corpo vivido, para a fenomenologia é o corpo encarnado, vivido na sua existência total. Sua vida toda seria seu corpo vivido.

Para abrimos mais a compreensão das fases de desenvolvimento psicomotor em Le Bouch, pensemos nas fases.

A etapa do “corpo percebido” é igual ao “esquema corporal”, aí segue:

Antes deste período, este conceito não tem fundamento, na medida em que descreve uma atividade perceptiva cujo desenvolvimento só será possível depois que a função de interiorização (Em nota: função perceptiva que possibilita deslocar a atenção do meio para seu “corpo próprio”, a fim de chegar à tomada de consciência) atingir a maturação. (p.16)

Esta educação pelo movimento, que Le Bouch propõe ainda conserva a tradição de uma visão de ser humano estruturado em uma separação entre corpo (movimento) e razão. Uma forma mecânica e reducionista para o ser humano, como veremos mais à frente ao apresentar a fenomenologia neste texto.

O espelho para Le Bouch, é o contato com a imagem corporal, imagem visual do seu corpo, torna-se a referência onde as sensações táteis e cinestésicas vão fornecendo os detalhes para estruturar

o “esquema corporal” que é formado a partir das relações entre dados sensoriais, resultando da fusão da imagem visual e da imagem cenestésica do corpo.

Já a fase do “corpo representado”, fase do ingresso na escola primária, permite a criança de 12 anos dispor de uma imagem do “corpo operatório” a partir da qual poderá exercer sua disponibilidade, tanto sobre o mundo exterior como sobre sua própria motricidade.

Até os seis anos há uma representação mental uma imagem reprodutora estática, formada da associação estreita entre dados visuais e movimentos (cinestésicos). Esta é a mesma ideia da psicologista associacionista cognitivista. O conhecimento a percepção do corpo se dá por associações.

A evolução das funções cognitivas, contemporâneas da “fase das operações concretas”, fará evoluir esta imagem do corpo que, de reprodutora simplesmente tornar-se-á “antecipadora”. (p. 16)

Veja que aqui se expõe toda a psicologia associativa, na qual a cognição forma as fases operatórias do movimento. O domínio do movimento passa a ser uma operação cognitiva. O que difere totalmente do sentido da percepção do movimento para a fenomenologia. De início já se é possível pensar que, a psicologia associacionista parte de estruturas anteriores ao movimento para que ele ocorra, e só ocorre nas diferentes fases do desenvolvimento. A consciência do movimento tem sempre um sentido cognitivo e psicomotor, em uma sequência lógica de movimentos, o que difere radicalmente da consciência para a fenomenologia que sempre é consciência de alguma coisa. Uma consciência ao mundo com os outros.

No entanto, ao se deter sobre a aquisição da técnica e a melhor forma de execução do movimento, a forma correta de execução do movimento Le Bouch (1987) parte desta imagem que o sujeito possui do gesto e neste sentido dependerá da fase que se encontra ligando todo o sistema ligadas ao sistema desenvolvimentista do aprendizado por etapas sendo uma construção do pensamento identicamente a Piaget.

Le Bouch op. Cit. Estava escrevendo sobre a psicocinética e as aprendizagens gestuais e é por este tema, o gesto humano, que este artigo compara como pensam o gesto (movimento) a abordagem Psicocinética de Le Bouch e a Fenomenologia de Merleau-Ponty.

Antes, porém, falta, ainda, apresentar as abordagens da aprendizagem motora e desenvolvimentista da Educação Física.

A abordagem da aprendizagem motora, Schmidt (1993) tem um caminho contrário, ao da Psicocinética de Le Bouch (1987), na qual, se pode melhorar os aspectos cognitivos, portanto da razão através ou pelo aprendizado dos movimentos básicos do ser humano. A aprendizagem motora, norte

americana da Educação Física, não tem o movimento como meio mais um fim em si mesmo em sua performance mais elevada, assim, é o extremo, ou seja, mostrar o domínio da razão sobre o movimento, e que este é comandado pela razão. Portanto, uma abordagem que se concentra em querer explicar como o ser humano, no caso o atleta, chega a sua performance máxima a ponto de tornar-se um espetáculo. Neste caminho, permanece muito mais em uma psicologia comportamental de Skinner, com ênfase nos estímulos dos jogos, esportes, na fase dos iniciantes até os profissionais atletas de alto nível os mais performáticos possível.

Não será possível pelo espaço cedido, detalhar esta abordagem, contudo basta salientar que é uma abordagem que explica um comportamento sem ter a compreensão do que realmente ocorre e o que fez o atleta atingir sua performance. Fica no exterior objetivo e esquece de estudar a percepção do movimento como se dá.

A abordagem desenvolvimentista da Educação Física é uma perspectiva que se baseia no desenvolvimento motor e na aprendizagem motora. Ela considera as características de cada faixa etária e os avanços maturacionais de cada indivíduo.

No entanto a abordagem desenvolvimentista da Educação Física Go Tani et. al. (1988) é também um modelo de psicologia do comportamento humano em sua essência. Uma psicologia que influenciou a partir de então toda a base da escola. Com o fundamento de toda essa psicologia desenvolvimentista do comportamento humano, passou-se então o estudo do estímulo e da resposta na educação governada pela ciência empírica-experimental. Seu objetivo seria compreender os processos que ocorrem no indivíduo ao ter um estímulo e produzir uma resposta, no entanto, o método utilizado foi o de definições, conceitos e princípios arquitetados de forma mecanicista e num reducionismo que acabou por definir o Ser como um amontoado de órgão justapostos em um corpo desconectado da mente, incluindo, neste aspecto mental a cognição separada do comportamento motor e mais ainda segmentando o Ser em aspectos, afetivos, sociais, cognitivos. As psicologias que tratam o Ser Humano em segmentos para estuda-lo não pode compreender nem os estímulos, nem mesmo a resposta, de um movimento e muito menos entender o Ser Humano como um Ser uno situado ao mundo com os outros. Mas as ciências positivistas só procuram fazer o caminho inverso e sempre querem separar o ser em domínios, comportamentos, aspectos, cognitivos, afetivos e sociais, e motores, para o estudarem, acabam por reduzi-lo e retiram-no do mundo, isolando-o numa situação artificial do portar humano, e estudam separadamente os aspectos motores, em experimentos que são modelos matemáticos de resolver problemas factuais de fatos criados de relações de causa e efeito e que pouco ou nada contribuem para compreender o ser humano, quando muito chegar a explicações que pretendem ser generalizadoras.

3 A FENOMENOLOGIA DE MERLEAU PONTY E SUAS DIFERENÇAS COM AS ABORDAGENS PSICOCINÉTICA DE LE BOUCH, APRENDIZAGEM MOTORA DE SCHMIT E DESENVOLVIMENTISTA DE GO TANI ET ALL

De início a noção de imagem do corpo, ou imagem corporal, para Le Bouch, passa longe, difere em muito da noção de percepção do corpo-próprio da fenomenologia. Le Bouch, vai recorrer a psicanálise para mostrar a construção desta imagem corporal que pode sofrer forças externas e internas e se estabelece entre estas duas forças, gerando o ímpeto do movimento. Para expor aqui a compreensão de inconsciente em Freud e Merleau-Ponty, seria necessário mais um artigo. Como este ensaio trata da Educação Física e das suas metodologias para ensinar e aperfeiçoar o movimento humano, concentrar-me-ei neste momento de colocar frente a frente a Psicocinética de Le Bouch a fenomenologia de Merleau – Ponty, em suas visões do gesto humano.

Le Bouch (1987) inicia sua ideia de gesto, citando o seu outro livro: Rumo a Ciência do Movimento. Esse livro foi publicado em 1987. É que a obra usada neste artigo de 1987 é a tradução portuguesa, ou seja, seu livro Educação Psicomotora. A Psicocinética na idade escolar, a obra original é de 1984.

A finalidade da educação psicomotora não é a aquisição de habilidades gestuais. Entretanto, o trabalho psicomotor, tal como o concebemos, resulta numa melhor aptidão para a aprendizagem, dentro do respeito ao desenvolvimento da criança. Em particular, no final da escolaridade primária entre 10 e 12 anos, a criança que dispõe de uma “imagem do corpo operatório” (em nota: No sentido dado por Piaget: a criança é capaz de proporcionar-se de um “modelo interiorizado” deste ou daquele movimento), consequência do trabalho metódico voltado para seu corpo próprio torna-se capaz “de aprendizagens secundárias”. (40)

Está bastante claro uma visão de corpo, a visão de Educação Física. A visão de um corpo segmentado que pensa e age. É simplesmente a mesma psicologia associacionista da comunicação e da linguagem propõem onde até duas máquinas podem se comunicar. Para estas correntes psicológicas e linguísticas uma compreensão se dá como uma luz se acende. Fica claro que o movimento para Le Bouch é uma resposta da cognição de algo que foi estruturado no corpo, uma imagem gravada em um inconsciente que está disponível e que possibilita a criança ter seu momento operatório em que poderá realizar os movimentos que foram antes interiorizados e gravados como um depósito de imagens que estão à disposição para que o movimento seja realizado.

Merleau-Ponty simplesmente quebra com a fisiologia e a reflexologia clássica de Pavlov pois pôde vivenciar a enfermaria de um front de batalha, e fazer toda sua dissertação de mestrado na estrutura do comportamento e seu doutorado na fenomenologia da Percepção, é, portanto, uma releitura da reflexologia, qualquer abordagem fisiológica da Educação Física e das demais atreladas a

psicologias clássicas e mecanicistas. Concentra-se no estudo do membro fantasma, amputados que sentiam ainda seus membros.

O progresso da lesão da substância nervosa não destrói, entretanto, um a um os conteúdos sensíveis feitos, mas torna cada vez mais incerta a diferenciação ativa das excitações, que aparece como a função essencial do sistema nervoso. Da mesma maneira, nas lesões não corticais da sensibilidade tática, se alguns conteúdos (temperaturas) são mais frágeis e desaparecem primeiro, não é porque um território determinado, destruído no doente, serve-nos para sentir o quente e o frio – pois a sensação específica será restituída se se aplicar um excitante bastante extenso (...). As lesões centrais parecem deixar intactas as qualidades e, entretanto, elas modificam a organização espacial dos dados e a percepção dos objetos. (p.87)

O que Merleau-Ponty mostra é que lesões mudam o sentido do estímulo ou sua intensidade, podem responder a um estímulo térmico, mas não tático.

Assim, as excitações de um mesmo sentido diferem menos pelo instrumento material do qual se servem do que pela maneira que os estímulos elementares se organizam espontaneamente; e esta organização é o fator decisivo do nível das “qualidades” sensíveis como no nível da percepção. É ela ainda, e não a energia específica do aparelho interrogado, que faz com que um excitante dê lugar a uma sensação tática ou a uma sensação térmica. Se se excita diversas vezes, com um fio de cabelo, uma região determinada da pele, tem-se primeiramente percepções pontuais, nitidamente distinguidas e localizadas cada vez no mesmo ponto. Na medida em que a excitação se repete, a localização se faz menos precisa, a percepção se espalha pelo espaço, ao mesmo tempo que a sensação deixa de ser específica: não é mais um contato, é uma queimadura, ora pelo frio, ora pelo calor. Mais tarde ainda, o sujeito crê que o excitante se mexe e traça um círculo sobre sua pele. Por fim nada mais é sentido. Significa dizer que a “qualidade sensível” as determinações espaciais do percebido e mesmo a presença ou ausência de uma percepção não são efeitos da situação de fato, exterior ao organismo, mas representam a maneira pela qual ele vem ao encontro das estimulações e que a elas se refere. Uma excitação não é percebida quando atinge um órgão sensorial que não está “de acordo” com ela. A função do organismo na recepção dos estímulos é, por assim dizer, de “conceber” uma certa forma de excitação. O “acontecimento psicofísico” não é mais do tipo da causalidade mundana, o cérebro torna-se lugar de “formação” (misen forme) que intervém mesmo antes da etapa cortical, e que perturba, desde a entrada do sistema nervoso, as relações entre estímulo e o organismo. A excitação é tomada e reorganizada por funções transversais que fazem assemelhar-se à percepção que vai suscitar. Esta forma que se delineia no sistema nervoso, esse desdobramento de uma estrutura, não me posso representar como uma série de processos na terceira pessoa, como transmissão de movimento ou determinação de uma variável por outra. Não posso tomar conhecimento distinto desse fato. Se adivinho o que ela pode ser, é deixado aí o corpo objeto, partes extra partes e dirigindo-me ao corpo do qual tenho a experiência atual, por exemplo, a maneira pela qual minha mão envolve o objeto que toca, antecipando seus estímulos e delineando ela mesma a forma que se levanta em direção ao mundo. (P.88)

Aqui está então a reformulação de toda a teoria mecanicista fisiológica e comportamental, que pendurou séculos na segmentação do ser humano e na sua incompreensão em não querer aceitar que não é apenas o estímulo, mas a qualidade deste estímulo e sua forma.

É impossível mostrar toda a clareza do filósofo quando ele nos fala com precisão:

Desse modo, a exteroceptividade exige uma doação de forma aos estímulos; a consciência do corpo invade o corpo, a alma se espalha em todas as partes, o comportamento invade seu setor central. Mas poder-se-ia responder que esta “experiência do corpo” é ela mesma uma “representação”, um “fato psíquico”, e que, nesse sentido, ela está no final de uma cadeia de acontecimentos físicos e fisiológicos que podem sozinhos, ser atribuídos ao “corpo real”. Meu corpo não é, exatamente como os corpos exteriores, um objeto que age sobre receptores, e que finalmente dá lugar à consciência do corpo. Não há nele uma “interoceptividade”, assim como uma “exteroceptividade”. Não posso encontrar no corpo fios que os órgãos internos enviam ao cérebro e que são instituídos pela natureza para dar à alma a ocasião de sentir seu corpo. A consciência do corpo e a alma se encontram assim forçadas, o corpo torna-se outra vez essa máquina bem limpa que a noção ambígua do comportamento esteve a ponto de nos fazer esquecer. Se, por exemplo, num amputado, alguma estimulação substituir a de sua perna, no trajeto que vai do côto de perna ao cérebro, o sujeito sentirá uma perna fantasma, porque a alma está unida imediatamente ao cérebro e a ele só. (p.88 e 89)

Agora não tem mais jeito. Precisamos continuar nessa análise do membro fantasma Merleau-pontiana.

Que diz disso a fisiologia moderna? A anestesia pela cocaína não suprime o membro fantasma, há membros fantasmas sem nenhuma amputação e logo após lesões cerebrais. Finalmente, o membro fantasma frequentemente guarda a própria posição que o braço real ocupava no momento do ferimento: um ferido de guerra sente ainda no seu braço fantasma os estilhaços de obus que laceraram seu braço real. Deve-se, pois, substituir a “teoria periférica” por uma “teoria central”? Mas uma teoria central não nos faria ganhar nada se não acrescentasse às condições periféricas do membro fantasma senão traços celebrais. Porque um conjunto de traços celebrais não poderia configurar as relações de consciência que intervêm no fenômeno. Depende, com efeito, de determinantes “psíquicas”; Uma emoção, uma circunstância que relembram as do ferimento fazem reaparecer um membro fantasma em sujeitos que não o tinham. Sucede que o braço fantasma, enorme depois da operação, se retrai em seguida para tragar-se finalmente no côto “com o consentimento do doente em aceitar sua mutilação”.

É muito difícil não se alongar para procura um sentido a questão do membro fantasma e da aprendizagem do movimento na Educação Física, Merleau-Ponty op.cit., demonstra como as psicologias intelectualistas e desenvolvimentistas estão em outro caminho.

O fenômeno do membro fantasma esclarece-se aqui pelo fenômeno de anosognosia, que exige visivelmente uma explicação psicológica. Os sujeitos que ignoram sistematicamente sua mão direita paralisada e estendem a esquerda quando lhes é pedida a direita, falam, entretanto, de seu braço paralisado como uma “serpente longa e fria” O que exclui a hipótese de uma verdadeira anestesia e sugere a de uma recusa de deficiência. Deve-se, pois, dizer que o membro fantasma é uma lembrança, uma vontade ou uma crença, e, na falta de uma explicação fisiológica, dar-lhe uma explicação psicológica? Entretanto nenhuma explicação psicológica pode ignorar que o seccionamento dos condutores sensíveis que vão no sentido do encéfalo, suprime o membro fantasma. Deve-se, pois, compreender como as determinantes psíquicas e as condições fisiológicas se engrenam umas nas outras; não se concebe como que o membro fantasma, se ele depende de condições fisiológicas e se, é, nesse sentido, o efeito de uma causalidade na terceira pessoa, pode por outro lado dispensar a história do doente, suas lembranças, suas emoções, suas vontades. (p.90)

Passando de sobre voo nas próximas três páginas em que Merleau-Ponty op.cit, que também, rapidamente mostra como os autores falam de uma “repressão” ou de um “recalque orgânico” quando descrevem a crença do membro fantasma.

Retornemos ao problema de onde saímos. A anosognosia e o membro fantasma não admitem uma explicação fisiológica, nem uma explicação psicológica, nem uma explicação mista, apesar de eles poderem ser ligados a às duas séries de condições. Uma interpretação fisiológica interpretaria a anosognosia e o membro fantasma como a simples supressão ou a simples persistência das estimulações Inter receptivas. Nessa hipótese a anosognosia é a ausência de um fragmento da representação do corpo que deveria ser dado, pois o membro correspondente está aí, o membro fantasma é a presença de uma parte da representação no corpo que não deveria ser dada, pois o membro correspondente não está aí. Se agora dá-se dos fenômenos uma explicação psicológica, o membro fantasma torna-se uma lembrança, um julgamento positivo ou uma percepção, anosognosia um esquecimento, um julgamento negativo ou uma impercepção. No primeiro caso, o membro fantasma é a presença efetiva de uma representação, a anosognosia, a ausência de uma representação. No segundo caso, o membro fantasma é a representação de uma presença efetiva, a anosognosia é a representação de uma ausência efetiva. Nos dois casos não saímos das categorias do mundo objetivo onde não há meio entre a presença e a ausência. Na realidade, o anosognóstico não importa simplesmente com o membro paralisado, não pode afastar-se da deficiência senão porque sabe onde correria o risco de encontrá-la, como o sujeito, na psicanálise, sabe o que não quer ver diante de si, sem o que não poderia evitá-lo tão bem. Não compreendemos a ausência ou a morte de um amigo senão no momento em que esperamos dele uma resposta e quando sentimos que ela não existirá mais, também evitamos primeiramente interrogar para não termos de perceber esse silêncio, afastamo-nos de regiões de nossa vida onde poderíamos encontrar esse nada, mas isso significa que as adivinhamos. Da mesma forma o anosognóstico coloca fora do jogo seu braço paralisado para não sentir sua perda, mas quer dizer que ele tem um saber pré-consciente. É verdade que no caso do membro fantasma o sujeito parece ignorar sua mutilação e conta com o seu fantasma como com seu membro real, pois tenta andar com a perna fantasma e não se deixa desencorajar por uma queda. Mas descreve muito bem aliás as particularidades da perna fantasma, por exemplo sua motricidade particular, e se a trata praticamente como um membro real, é que, como o sujeito normal, ele não tem a necessidade para andar na rua de uma percepção nítida e articulada de seu corpo basta-lhe tê-lo a “sua disposição” como uma força indivisa e de adivinhar a perna fantasma vagamente implica nele. A consciência da perna fantasma torna-se, pois, ela também equivoca. O amputado sente sua perna como posso sentir vivamente a existência de um amigo que não está, entretanto sob meus olhos, ele não a perdeu pois continua a contar com ela, como Proust pode constatar bem a morte de sua avó sem a perder ainda enquanto a aguardava no horizonte de sua vida. O braço fantasma não é uma representação do braço, mas a presença equivalente de um braço. A recusa da mutilação no caso do membro fantasma ou a recusa da deficiência na anosognosia, não se passam no nível da consciência tática que toma posição explicitamente depois de ter considerado diferentes possíveis. A vontade de ter um corpo são ou a recusa do corpo doente não são formuladas por elas mesmas, a experiência do braço amputado como presente ou do doente como ausente não são da ordem do “penso que...” (p.93 e 94)

Realmente a filosofia de Merleau-Ponty estende-se longe, mas o que ele quer dizer está também em consonância a toda uma visão de inconsciente que ressignifica a ideia de inconsciente não mais no seu sentido físico que Freud queria como uma negação e o que Merleau Ponty mostra que é um não querer falar, esconde pois não quer ver.

Para finalizar:

O homem concretamente tomado, não é um psiquismo unido a um organismo, mas este vaivém que ora se deixa ser corporal e ora se dirige a atos pessoais. Os motivos psicológicos e as ocasiões corporais podem se entrelaçar porque ele não é um único movimento num corpo vivo que seja um acaso absoluto com relações às intenções psíquicas, nem um só ato psíquico que não tenha encontrado pelo menos seu gérmen ou seu desenho geral nas disposições fisiológicas. Não se trata nunca do encontro incompreensível de duas causalidades, nem uma colisão entre a ordem das causas e a ordem dos fins. Mas por uma modificação insensível um processo orgânico chega num comportamento humano, um ato instintivo vira e torna-se sentimento, ou inversamente um ato humano desperta e continua distraidamente como reflexo. Entre o psíquico e o fisiológico pode haver relações de troca que impedem quase sempre de definir um distúrbio mental como psíquico ou como somático. O distúrbio dito somático esboça sobre o tema do acidente orgânico comentários psíquicos e o distúrbio “psíquico” se limita a desenvolver a significação humana do acontecimento corporal. (p101)

Como então distinguir nos sintomas as causas fisiológicas e os motivos psicológicos? Como associar simplesmente as duas explicações e como conceber um ponto de junção entre as duas determinantes? Em sintomas desta espécie, psíquico e físico estão ligados tão interiormente que não se pode mais pensar em completar um dos domínios funcionais pelo outro e que os dois devem ser assumidos por um terceiro. Para Merleau-Ponty, convém passar de um conhecimento dos fatos psicológicos e fisiológicos a um reconhecimento de acontecimento anímico como processo vital inerente a nossa existência. O autor termina seu primeiro item da primeira parte do seu livro fenomenologia da percepção: O corpo como objeto da fisiologia mecanicista com uma citação que afirma que o acontecimento psicofísico não pode mais ser concebido à maneira da fisiologia cartesiana e como a continuidade de um processo em si e de uma cogitatio. “A união da alma e do corpo não é lacrada por um decreto arbitrário entre dois termos exteriores, um objeto, outro sujeito. Ela se completa em cada momento no movimento da existência.” Ou seja, a existência vem sempre antes do pensamento, ela é a primeira via de acesso.

Faz-se necessário diferenciar a visão de corpo para Merleau-Ponty de imagem corporal, esquema corporal das psicologias das representações que funda todo o pensamento e dirige a prática na Educação Física. Pretendo ainda me concentrar na visão do que é o gesto humano para a Psicocinética e fenomenologia.

4 O CORPO COMO EXPRESSÃO E FALA MERLEAU-PONTY

Retornar a este capítulo do livro da fenomenologia da Percepção sempre é muito prazeroso e gratificante. Já havia me debruçado com atenção a este capítulo advindo dá o meu artigo publicado Lima (1991), em que trato da limitação da linguagem e o discurso humano, em que desenvolvi a ideia do filósofo o corpo como expressão e fala, tentando mostrar que o corpo não tem uma linguagem decodificada pronta para ser usada. O corpo possui o seu discurso e isso não é fala. Discurso permite

que algo seja visto. O corpo, portanto, não possui uma linguagem, mas um logos, um discurso que revela e esconde o sentido do Ser.

Merleau-Ponty (1971) retoma afirmando que reconhece para o corpo uma unidade distinta daquela do objeto da ciência. Aí vai se ater novamente a intencionalidade e a consciência da fala e vai se deter longamente na origem da fala na criança.

A posse da linguagem é primeiramente compreendida como a simples existência efetiva de “imagens verbais”, isto é, de traços deixados em nós pelas palavras pronunciadas e ouvidas. Que estes traços sejam corporais ou que se depositem num “psiquismo inconsciente” isto não importa muito e nos dois casos a concepção da linguagem é a mesma no que segue: não há “sujeito falante”. Que os estímulos capazes de provocar a articulação da palavra, ou que os estados de consciência ocasionem, em virtude das associações adquiridas, a aparição da imagem verbal conveniente, nos dois casos a fala se localiza num circuito de fenômenos na terceira pessoa, não há ninguém que fale, há um fluxo de palavras que se produzem sem que nenhuma intenção de falar as governe.

Merleau-Ponty (1977) apresentando a teoria da afasia ou a verdadeira afasia que vem com as perturbações da inteligência. Também, o autor nos faz pensar na linguagem automática que é efetivamente um fenômeno motor na terceira pessoa, uma linguagem intencional. O autor nos faz entender que na afasia, que é esse fenômeno na terceira pessoa, uma linguagem intencional, a individualidade da “imagem verbal” se encontram efetivamente dissociada. O que o doente na afasia, perdeu, não foi um estoque ou arsenal de palavras, mas sim a forma de usá-las. Vejamos nas palavras do filósofo.

A mesma palavra, que permanece à disposição do doente no plano da linguagem automática, subtrai-se-lhe no plano da linguagem gratuita: o mesmo doente que encontra sem dificuldade a palavra “não” para recusar as perguntas do médico, isto é, quando significa uma negação atual e vivida, não consegue pronunciá-la quando se trata de um exercício sem interesse afetivo e vital. Descobria-se então por detrás da palavra, uma atitude, uma função da fala que condicionam o doente. Distingue-se a palavra como instrumento de ação e como meio de denominação desinteressada. (p.185 e 186)

O gesto é fala e é movimento, para Le Bouch que em sua educação psicomotora não é a procura da aquisição destas habilidades gestuais, movimentos, mas um preparo dentro do respeito as fases de desenvolvimento da criança que irá formar uma imagem do corpo operatória, um “modelo interiorizado” que possibilitará aprendizagens secundárias.

Merleau-Ponty (1971), mostra-nos que não há no gesto um pensamento por trás. Os gestos são elementos pré-verbais, aparecem antes da palavra e esta o explica. A comunicação gestual se faz e a ênfase não se faz na linguagem, mas na expressão do corpo. Para Merleau-Ponty eu não tenho um corpo físico e um intelecto que o comanda esse corpo por representações de imagens do próprio corpo.

Para Ponty, eu sou corpo sou espaço, sou tempo, sou movimento. Portanto, gesto é ação, movimento. A fala é gesto.

O que o filósofo reporta é que o sentido do gesto o significado já é o próprio gesto, quebrando com as teorias psicológicas intelectualistas cognitivistas que pensam numa imagem corporal e o gesto como sendo um processo intelectual, cognitivo e desta forma executar um gesto seria uma representação, que dependeria de palavras definições para ser entendido um gesto pelo seu expectador. Para Merleau-Ponty nos faz compreender o aspecto da cultura gravada em nós.

A palavra é um verdadeiro gesto e contém seu sentido como o gesto contém o seu. É o que torna possível a comunicação. Para que eu compreenda as palavras do outro é necessário evidentemente que seu vocabulário e sua sintaxe já sejam “conhecidos” por mim. Mas isso não quer dizer que as palavras agem suscitando em mim “representações” que lhe seriam associadas e cujo conjunto terminaria por reproduzir em mim a “representação” original daquele que fala. (p.194)

Merleau-Ponty (1971), vai esclarecer que o gesto não é uma resposta a um processo cognitivo e intelectual, assim como irá se deter aprofundadamente como o espectador do gesto percebe o gesto e que também não é preciso de uma intelectualidade e um raciocínio lógico que precise traduzir o gesto.

Merleau-Ponty (1971), nos faz pensar em tudo ao mesmo tempo. Porém do que foi possível trazer a luz da compreensão Merleau-Pontiana, finalizo este artigo com a visão da comunicação e da palavra.

Não é com “representações” ou com um pensamento que comunico primeiramente, mas com um sujeito falante, com um certo estilo de ser e com o “mundo” que ele visa. Da mesma forma que a intenção significa que movimentou a palavra do outro não é um pensamento explícito, mas uma certa falta que procura se preencher da mesma forma a retomada por mim desta intenção não é uma operação de meu pensamento, mas uma modulação sincrônica de minha existência, uma transformação de meu ser. Vivemos num mundo onde a palavra é instituída. Para todas essas palavras banais, possuímos em nós significações já formadas. Elas só suscitam em nós pensamentos segundos, estes por sua vez se traduzem em outras palavras que não exigem de nós nenhum verdadeiro esforço de expressão e não pedirão a nossos ouvintes nenhum esforço de compreensão. O mundo linguístico parece seguir por conta própria. O mundo linguístico e intersubjetivo não nos espanta mais, não o distinguimos mais do próprio mundo, e é no interior de um mundo já falado e falante que refletimos. (p. 194)

Entender que o corpo não tem uma linguagem a priori, que todo significado do gesto está dado culturalmente, e que só pode ser compreendido contextualizado e situado no mundo, e que é doado a nossa compreensão. Essa visão diferenciada de corpo, de movimento de comunicação, de gesto que nos trás esse filósofo nos possibilita dizer que cabe aos profissionais de Educação Física, os pedagogos e todos que se utilizam do corpo como forma educacional, uma releitura das visões das abordagens

neste texto expostas para que surja um novo significado para o que se ensina e o que se aprende na Educação Física.

REFERÊNCIAS

LE BOULCH, J. **Educação psicomotora: psicocinética na idade escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1987

_____. **Rumo a uma Ciência do Movimento Humano.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1984. ISBN: 9781214764629

LIMA. L.A.N. A Limitação da linguagem e o discurso humano. **Cadernos da Sociedade de Estudos e Pesquisas Qualitativos.** Vol.3, n.3 (1993) São Paulo: A sociedade, 1991.

MERLEAU-PONTY, M **Fenomenologia da Percepção.** Edição em língua portuguesa. São Paulo: Freitas Bastos, 1971

SCHIMIDT, R. A. **Aprendizagem e performance motora, dos princípios à prática.** São Paulo: Movimento, 1993.

TANI, GO et. al. **Educação Física escolar: fundamentos de uma abordagem desenvolvimentista.** São Paulo: EPU: Editora da Universidade de São Paulo, 1988